

## *A descoberta do horizonte: a cristianização dos Vikings na América*

Gludson Passos Cardoso<sup>1</sup>  
José Lucas Cordeiro Fernandes<sup>2</sup>  
André Luiz Campelo dos Santos<sup>3</sup>

DOI: 10.4025/rbhranpuh.v8i23.29529

**Resumo:** O presente trabalho tem o intento de analisar como se deu o processo de cristianização dos povos denominados Vikings durante o período em que estiveram assentados na América, majoritariamente em território groenlandês. Buscamos nesse artigo analisar o debate historiográfico em torno de tal descoberta, assim como sua legitimidade e o debate no cerne acadêmico. Usaremos da metodologia dos novos estudos sobre Escandinávia, para fazer uma relação com fontes literárias medievais (Íslendigasögur), relatos históricos do período e descobertas arqueológicas.

**Palavras-chave:** América; Cristianização; Groenlândia; Sagas; Vestígios Arqueológicos; Vikings.

### *The Discovery of the horizon: the Christianization of the Vikings in America.*

**Abstract:** This paper is the attempt to analyze how was the Christianization process of people called Vikings during the period they were settled in America, mainly in Greenlandic territory. In this article we seek to analyze the historiographical debate on this discovery, as well as its legitimacy and the debate in the academic core. We will use the methodology of the new studies about Scandinavia, to make a relationship with medieval literary sources (Íslendigasögur), historical accounts of the period and archaeological discoveries.

**Keywords:** America; Christianization; Greenland; Sagas; Archaeological traces; Vikings.

<sup>1</sup> Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense, professor Adjunto da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Integra os GPESQ/ CNPQ Intelectuais, Idéias e Instituições (UFF), ARCHEA - Cultura Escrita e Oralidade na Antiguidade e Medievo e GPPUR: Grupo de Pesquisa em Práticas Urbanas (UECE). E-mail: gleudsonpassos@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestrando em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Membro dos grupos: NEVE - Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos; ARCHEA - Cultura Escrita e Oralidade na Antiguidade e no Medievo (UECE)). E-mail: zelucasfernandes@hotmail.com

<sup>3</sup> Mestrando em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, membro do grupo de pesquisa M2 - Museometria. E-mail: andre.campelo@ymail.com

### ***El descubrimiento del horizonte: la cristianización de los vikings en América.***

**Resumen:** Este artículo tiene la intención de analizar cómo fue el proceso de cristianización de personas llamadas Vikings durante el período en que se establecieron en América, principalmente en el territorio de Groenlandia. En este artículo tratamos de analizar el debate historiográfico sobre este descubrimiento, así como su legitimidad y el debate en el núcleo académico. Vamos a utilizar la metodología de los nuevos estudios sobre Escandinavia, para hacer una relación con las fuentes medievales literarias (Íslendigasögur), los relatos históricos de la época y los descubrimientos arqueológicos.

**Palabras clave:** América; cristianización; Groenlandia; Sagas; Vestigios arqueológicos; Vikings

*Recebido em 05/09/2015 - Aprovado em 30/09/2015*

### ***Introdução***

Recentemente a descoberta da América pelos *Vikings* ganhou algum destaque na mídia, em revistas de cunho mais populares, reportagens e programas de televisão, devido ao sucesso de uma série ambientada na sociedade *Viking* (de título homônimo) um drama histórico escrito e criado por Michael Hirst sendo feito exclusivo para um canal, que se denomina especialista em história, o *History Channel*. Nessa gama se encontram muitos documentários famosos e obscuros (alguns de ótima qualidade e com questões pertinentes), filmes, revistas, matérias *onlines* que vão de dietas a mulheres guerreiras. Destes diversos exemplos nós tivemos uma série de erros e pesquisas mal realizadas, assim como bons materiais. Logo, esse artigo tem também o intento de propiciar um maior esclarecimento sobre tal tema, como também de apresentar e explicitar melhor as fontes para os estudos escandinavísticos.

O método do historiador sempre deve se basear em fontes, a História enquanto ciência exige um caráter probatório constante, possibilitando para nós contribuírmos para esclarecer alguns pontos pouco explorados por outros historiadores e fantasiado pela mídia. Para esse artigo nós buscamos analisar uma série de documentos que possam dar esse caráter probatório a nossa fonte principal de análise, fontes únicas sobre a presença *Viking* na América, no caso a saga de Erik, o vermelho (*Eiríks saga rauða*) e a saga dos Groenlandeses (*Gænlendinga saga*).<sup>4</sup>

Mas antes de iniciarmos nossa análise nós devemos explicitar essa fonte e sua importância para uma análise da sociedade em questão. As sagas são um dos grupos de fontes literárias mais importantes das produzidas durante o medievo, uma fonte original que tem um caráter fundamental para o estudo da Escandinávia, como também de todo um estudo da cultura do ocidente medieval cristão. (LANGER, 2009, 1). As sagas são

<sup>4</sup>Algumas obras afirmam datas precisas para ambas as sagas: Erik (cf. 1260) e groenlandeses (cf.1200). Mas pelas pesquisas vemos a impossibilidade de afirmar precisamente tal informação, pois tais sagas são postas como produzidas no século XIII, mas sem essa datação exata. (GWYN,1992 e MOOSBURGER, 2007)

fontes literárias, narrativas onde são apresentadas histórias de linhagens, lendas, famílias, heróis. As sagas foram produzidas entre os séculos XII e XIV, onde seu período de maior produção reside e são destacados entre os anos de 1150 a 1350, sofrendo influência de uma variedade de elementos cristãos, obras hagiográficas e por elementos de uma literatura clássica e de outras partes da Europa medieval. (BOYER, 1997, 130-133). Deve ser levado em conta que essa tipologia de fonte, a saga enquanto texto literário, portanto, “escrito”, se insere num campo específico da abordagem historiográfica, a qual se debruça sobre a *cultura escrita* (FISCHER, 2009; GALVÃO, 2007), em que as condições sociais da produção textual, recepção, circulação, bem como os seus usos textuais são elementos imprescindíveis aos historiadores deste campo, a saber, da inserção histórica das narrativas escritas em uma dada sociedade (FISCHER, 2009; CAVALLO e CHARTIER, 1998; GALVÃO, 2007 e LE GOFF, 2003).

O termo saga e oriundo de um verbo islandês: *segja*, tal verbo pode ter alguns sentidos, como: "dizer", "recontar", "falar" (onde o plural desse termo seria: *sögur*). (MIRANDA, 2012, 25) Tal verbo foi apregoadado para nominar tal fonte, pois sagas eram construções que tinham como base as transmissões orais que tinham o intento de passar, "recontar" a tradição, sendo um exemplo de caráter identitário e da sociedade, como também da cultura da região retratada (BOULHOSA apud LANGER, 2005, 7-18).

As sagas são tradicionalmente divididas em diversas categorias:

As sagas tradicionalmente são classificadas por referenciais temáticos (sagas legendárias: *fornaldarsögur*, sagas de reis: *konungasögur*; sagas de família: *íslendingasögur*; contemporâneas: *sturlunga saga*, sagas dos bispos: *biskupasögur*; sagas de cavalaria traduzidas: *riddarasögur*; sagas de cavalaria de origem nativa: *lygisögur*) (LANGER, 2009, 2-3).

As sagas ganharam destaque e passaram a ser revistas no final do século XVIII e principalmente no século XIX. Sabemos que durante esse período houve em diversas sociedades a busca por um símbolo da nação, um herói nacional, seguindo a tendência de produção da história positivista do período. No Brasil, Francisco Adolfo de Varnhagen tornou a batalha dos Guararapes um grande símbolo de união nacional, um marco da formação da nação e que ali teria "se iniciado o Brasil", essa teoria segue a tendência do período de oitocentos. Em busca dessa "tradição", houve diversas construções que nomeavam a Escandinávia da Era Viking<sup>5</sup> como um lugar de total coesão e união e que os povos escandinavos se encontravam sobre uma mesma cultura, dando para tal região a justificativa de unidade nacional desde os primórdios e os *Vikings* como símbolo

---

<sup>5</sup>A Era *Viking* é período tradicionalmente definido de 790 d.C ou 793 d.C (tendo outros recortes possíveis, mas próximos), onde essa segunda data representa o ataque e o saque ao mosteiro de Lindsfarne na região da Nortúmbria, se estendendo até 1066 d.C., onde tal data representa a vitória do saxão Harold II sobre Harald Hadrada, na batalha de *Stamford Bridge*, simbolizando o fim do domínio *Viking*. (MOONSBURGER, 2014,55)

nacional. A importância dessa construção para as sagas é que os pesquisadores buscaram nessas fontes literárias, diversos símbolos, exemplos para a construção nacional, tal fato que propiciou traduções nessas fontes e publicações, tudo no intento de atender ao "despertar romântico" em busca de um passado "ufanista". "Assim, a literatura e a arte fundiram-se em uma interpretação política da História, todas refletindo as antigas glórias dos nórdicos." (LANGER, 2009, 4) (LÖNNROTH, 1999, 243).<sup>6</sup>

Estas fontes apesar de serem produzidas no período supracitado tratam de período anterior ao de sua produção, algo que já requer uma atenção especial no trato com tal fonte, pois qualquer documentação retrata mais do período de sua produção do que se pretende retratar, visto isso, o historiador deve observar duas conjunturas diferentes, pois terá que analisar duas temporalidades, vendo a temporalidade de produção e a temporalidade em que o mesmo está se referindo, algo que gera um desafio grande e estimulante para o historiador. O autor e outra dimensão de cautela do historiador, visto que tais fontes têm autores anônimos. Sabemos que o método do historiador deve sempre buscar o lugar social do autor para compreender melhor sua escrita, mas pelo seu anonimato, nós temos que compreender a influência da conjuntura social sobre esse *corpus* de escritores no intento de buscar entender os traços da cultura escrita deles, além disso, buscar dentro da própria escrita da obra elementos de formação e do "caráter" de tal autor.

Outro cuidado que devemos ter com essa fonte são as dimensões entre ficção e realidade. Tal escrito não tem uma preocupação com a realidade, mesmo algumas sagas tendo uma relação bem mais forte com famílias e de caráter descritivo e histórico, onde elas ainda podem trazer outros elementos lendários ou fictícios. Por isso, ao analisar tais fontes, sabendo que os estudos feitos sobre a mesma provaram sua utilização para a História, nós devemos recorrer para outros campos e fontes para comprovar a o conteúdo das sagas, para isso a arqueologia, filologia, entre outros campos podem nos ser muito úteis para possibilitar esse diálogo entre a história e a literatura contida nas sagas.

Nas últimas décadas, os historiadores deixaram de questionar as dimensões entre história e realidade, tanto pelo desenvolvimento do trato metodológico entre a História e a Literatura, como pelos diversos estudos historiográficos sobre as sagas. Atualmente se busca perceber a dimensão que estas fontes têm para com a sociedade:

---

“O fortalecimento físico e as competições significavam também preparação para a guerra. Os jovens liam histórias sobre guerreiros espartanos e combates nórdicos, nas quais aprendiam o sentido de existência de servir a pátria. Nesta literatura estavam acentuados valores como retidão, honra, fidelidade, culto ao líder, heroísmo. Os manuais escolares ensinavam que a vitória pelo sacrifício era um bem precioso. Havia inúmeros agrupamentos de crianças e jovens que estimulavam a camaradagem e a incorporação de valores patrióticos.” (D’ALESSIO; CAPELATO, 2004, 34). Nesta dimensão dos regimes fascista, especialmente o Nazista que as sagas sofreram um grande resgate em busca do herói nacional, dentre as figuras que produziram baseado nas sagas o Richard Wagner foi um dos mais importantes, “Richard Wagner foi festejado no 3º Reich e considerado precursor e iniciador de novos tempos. Hitler o tomava como modelo e se identificava com ele, não só pelas composições musicais nas quais glorificavam o passado mitológico e heroico da Alemanha, mas também por suas ideias nacionalistas e antisemitas. O compositor valia de mitos nórdicos e germânicos em suas obras. [...] apelando para a imaginação heroica regeneradora do universo. A luta do Bem contra o Mal está representada em suas criações artísticas. (D’ALESSIO; CAPELATO, 2004, 65).

As tendências atuais não enfatizam mais a dicotomia história versus ficção nas sagas islandesas, ou então, a busca por parâmetros históricos tradicionais na constituição dos personagens, eventos, trama, e sim o estudo de valores sociais, os temas, as tendências, os padrões, as estruturas e as contradições nos textos, aproximando-se da História Social e Cultural, além da Antropologia Histórica e da História Comparada. (LANGER, 2009, 6)

O pesquisador Johnni Langer nos aponta três métodos de análise, onde compreendemos tais métodos como elementos claros para a metodologia da Nova Escandinavística e seu trato para com as sagas. O primeiro seria o “Método comparativo externo”, onde o pesquisador retrata que tais estudos não são mais pensados com apenas elementos internos, mas também de diversos elementos externos, onde podemos destacar diversas análises: Diálogo com a tradição germânica, tradição literária medieval, relatos de viajantes e de estrangeiros, fontes latinas, fontes judaico-cristãs, celtas, anglo-saxãs, entre outras. O segundo seria o “Método comparativo interno”, onde devemos buscar dentro da própria região de produção das sagas elementos que possam dialogar com tais fontes, como estudos arqueológicos, estudos rúnicos (“inscrições em pedra e madeira representam o melhor *corpus* de fontes sobre história política, social e econômica da Escandinávia da Era *Viking*, além de representar elementos preciosos sobre literatura, linguagem, arte e poesia.”) (LANGER, 2009, 8). Neste método também devemos buscar mudanças de religiosidade, alterações nas formas de governo e dimensões da ordem da autoridade na região. Por último, temos o método da “Oralidade”, onde se busca analisar o papel da oralidade na criação das sagas, buscam perceber também elementos da tradição oral na escrita de tais fontes. Estes métodos são fundamentais para analisarmos corretamente as sagas e buscarmos executar corretamente o trato com as fontes. (LANGER, 2009, 6-11)

Podemos afirmar baseados em diversos estudos produzidos nas últimas décadas que as sagas são fontes literárias, feitas em prosa e extremamente viáveis para um estudo da sociedade em que está inserida, assim como observar fatos históricos e verdade históricas apresentadas em tais escritos:

As sagas islandesas podem efetivamente servir como fonte histórica para o historiador, pois refletem a sociedade de sua época, sendo um ‘sujeito cultural’ que possui um papel (inconsciente ou não) de transmitir informações sobre sua geração. Mas os pesquisadores devem estar atentos ao tipo de abordagem que pretendem utilizar para as narrativas literárias, pois não existia entre elas uma distinção clara entre história e ficção no sentido moderno e mesmo nas

fontes ditas historiográficas, os eventos estão ligados a lendas [...] Sem sombra de dúvida, as sagas islandesas constituem uma das mais importantes fontes para os futuros estudos sobre Sociedade, História e Literatura não somente da Escandinávia, mas também para repensarmos a própria Europa medieval e os métodos e teorias criadas pelos acadêmicos para realizar estas investigações. (LANGER, 2009,11-12)

Dentro desse cenário das sagas islandesas, nós encontramos duas em particular, estas que compõem as *Vinland Sagas*, ou seja, que abordam elementos da descoberta da América, as supracitadas “saga de Erik, o vermelho” (*Eiríks saga rauða*) e a “saga dos Groenlandeses” (*Gaenlendinga saga*). Obviamente que outras narrativas literárias da região fazem referências diretas ou indiretas ao descobrimento da América e suas vivências, algumas de fundamental análise para essas sagas, como o conto dos Groenlandeses (*Gaenlendinga þáttur*). Estas duas sagas foram produzidas em meados do século XIII, mas preservadas em documentações diferentes: *Eiríks saga rauða*; a saga é preservada em dois manuscritos, que contêm versões um pouco diferentes: *Hauksbók* (século XIV) e *Skálholtsbók* (século XV). Filólogos modernos acreditam que o *Skálholtsbók* versão para ser mais fiel ao original; *Gaenlendinga saga*; escrito em meados do século XIII, sua preservação é baseada no *Codex Flateyensis*<sup>7</sup>, este que também contém a *Gaenlendinga þáttur*.

A *Gaenlendinga saga* Narra a história da descoberta da Terra Verde (*Greenland* – atual Groelândia) pelos Noruegueses. Foca em vários personagens, principalmente em *Eric*, o vermelho, aponta também momentos da história do local, narrando eventos entre 970 e 1030; A *Eiríks saga rauða* trata de uma ligação direta com a saga dos groenlandeses, pois trata da expulsão de *Eric*, o vermelho e como seu filho, *Leif Ericsson*, descobre terra a oeste (*Vinland* – Terra das vinhas, região que os arqueólogos acreditam ser o sul da costa atlântica canadense). Narra fatos ocorridos entre o século IX e início do século X. Juntamente com a supracitada, foi uma das sagas mais traduzidas e trabalhadas por acadêmicos. Em 1928, um filme foi baseado em sua composição

### ***Uma nova religião nos novos assentamentos:***

No final do século X, colonizadores vikings navegaram ainda mais em direção ao Oeste. Após quase 200 anos do início da expansão dos domínios noruegueses em terras mais ocidentais no Atlântico Norte, *Eric*, o vermelho, repetindo os atos de seus antepassados, embarcou, em 983, acompanhado de sua e de outras famílias em direção à ilha que seria chamada por ele de Groenlândia (*Greenland*, ou terra verde). Lá ele fundaria,

---

<sup>7</sup> *Codex Flateyensis* escrito pelos sacerdotes cristãos *Jon Thordson* e *Magnus Thorhalsen* de 1387 a 1395. Este *codex* contém 225 escritos, entre eles: poemas, sagas e *þáttur* (traduzido como “contos”, uma espécie de narrativa pequena, normalmente complementar as sagas) sobre a Islândia e países próximos. É considerada a maior compilação desses tipos de textos

mais precisamente no ano de 986, o primeiro assentamento europeu em terras que, futuramente, seriam consideradas como geograficamente pertencentes ao continente americano (ANÔNIMO, 1906b, 46).

O sangue de aventureiros, descobridores e eventuais colonizadores corria nas veias de Eric. Era descendente, de quarta geração, de *Eyxna-Thorir*, irmão de *Naddoddur*, viking de origem feroêsa considerado o descobridor da Islândia (ANÔNIMO, 1906, 15). Porém, em suas veias também corria o sangue de um assassino. Seu pai, *Thorvald*, era considerado um homicida na Noruega e, para possivelmente evitar sua eventual pena, mudou-se com sua família, incluindo um pequeno Eric, para a Islândia (ANÔNIMO, 1906b, 45). Na vida de Eric, essa parte de seu sangue parece ter prevalecido em relação às outras, visto que fora, da mesma forma que seu pai, acusado de ter cometido dois assassinatos na Islândia e, eventualmente, considerado culpado em seu julgamento. Como pena, fora banido daquele país e obrigado a procurar um novo local para viver (ANÔNIMO, 1906a, 16).

Havia um homem de nome Thorvaldr, filho de Ásvaldr, filho de Úlfr, filho de Øxna- Thórir. Thorvaldr e seu filho Eiríkr, o vermelho, foram a Jaðarr (região da Noruega) por conta de assassinatos. A Islândia já estava então toda habitada. Lá morreu Thorvaldr. Eiríkr, então, tomou, como esposa Thojóðhild, filha de Jörundr Úlfsson e de Thorbjörn Peito-de-Navio, que era então esposa de Thorbjörn de Haukadalr. Então, Eiríkr decidiu ir para o Norte, e morou no lugar de Eiríkr, próximo a Vatnshorni (Parte ocidental da Islândia). O filho de Eiríkr e Thojóðhild chamou-se Leif. E, depois do assassinato de Eyólfr Merda e Hólmgöngu-Hrafn, Eiríkr foi expulso de Haukadalr. Ele foi, então, para oeste, até Breiðafjörðr, e morreu em Øxney, no Lugar de Eiríkr. (*Gaenlendinga saga*) (ANÔNIMO, 2007, 57)

Eric tinha ouvido falar dos relatos de um navegador norueguês chamado *Gunnbiorn Ulfsson*, supostamente o primeiro europeu a avistar a costa da Groenlândia, ou seja, a avistar um território americano. Sabendo da localização destas terras, Eric lançaria ao mar seu navio, que também tinha como passageiros algumas famílias aliadas à sua, direcionando-o para o Oeste, e logo estaria avistando as primeiras montanhas de gelo presentes na costa daquela ilha que seria a sua nova morada. A colonização da Ilha iniciou-se 15 anos antes da Islândia se converter ao cristianismo (este que se converte pacificamente via *Alþing* em 999/1000), e após 16 anos da viagem de Eric rumo à Groenlândia, *Leif Ericsson*, filho de Eric, decide fazer uma viagem à Noruega a fim de realizar uma visita ao Rei *Olaf I Tryggvasson* daquele país, lá aportando ainda em 999 (ANÔNIMO, 1906b, 45-7).



As notícias sobre os assentamentos da Groenlândia pareciam não ter chegado mais fortemente ao Reino, mesmo tendo-se passado quase duas décadas de suas existências, e, ao saber dos feitos de *Leif*, *Olaf* não hesitou em inseri-lo em sua corte (ANÔNIMO, 1906a, 25). Não se sabe ao certo quais seriam as intenções de *Leif* em estar visitando o Rei norueguês, mas desta ocasião é possível se imaginar que talvez houvesse interesse por parte dos groenlandeses em receber suporte ou reconhecimento por parte do Reino, visando tornar mais fácil a tarefa de colonizar a Groenlândia. Ou, quem sabe, até mesmo motivos pessoais poderiam estar em pauta naquele momento, pois seria interessante para Eric ser reconhecido pelo Rei como o chefe daquela Ilha, conseqüentemente, também para *Leif*, que um dia poderia vir a suceder seu pai na chefia dos assentamentos. Uma outra possibilidade a se pensar seria uma vontade de *Leif* em obter um perdão oficial, por parte do Rei, a fim de reabilitar a sua linhagem, visto que seu pai e seu, já morto, avô noruegueses eram considerados “criminosos fora da lei” na Noruega. As dúvidas ainda persistem, mas alguns eventos mostram-se como certos em meio a essa visita.

Ainda naquele mesmo ano, o Rei *Olaf* convenceu *Leif*, assim como os homens que o acompanharam na viagem, a se converterem ao Cristianismo, religião que naquele momento estava sendo adotada pelo Reino, por meio da força e a mando do Rei *Olaf* (ANÔNIMO, 1906b,47). Após a conversão, *Olaf* impôs a *Leif* a opção de que se fosse de sua vontade voltar para a Groenlândia, que lá introduzisse a nova religião do Reino, convertendo ao cristianismo os colonos da Ilha, algo que *Leif* aceitou (ANÔNIMO, 1906a,25).

Leifr e os seus foram navegaram embora das ilhas do Sul e atingiram a Noruega no outono. Leifr foi aceito na guarda pessoal de Óláfr Tryggvasson, e o rei o honrou muito e julgou que Leifr poderia ser um bem completo.

Uma vez o rei dirigiu a palavra a Leifr e disse: “ Tu desejas navegar para a Groelândia no verão: ”

Leifr respondeu: “ Assim eu desejo fazer, se é de vossa vontade. ”

O rei respondeu: “ Eu penso que assim está bem. Tu irás com enviados meus para propor o cristianismo na Groelândia. ”

Leifr disse que seria conforme ele mandava, mas afirmou que essa missão seria difícil de se fazer na Groelândia, já que o rei afirmou que não via outro homem que fosse tão apropriado para isso quanto ele – “e terás sorte contigo para fazê-lo. ”

“Conseguirei apenas por uma coisa, ” respondeu Leifr, “ por ter comigo vossa sorte. ”



Leifr zarpou assim que estava pronto. Ele foi arrastado pelo mar por um longo tempo, e acabou por chegar a terras que ele nunca esperava. Havia lá campos com trigo selvagem e com parreiras crescidas; havia lá também daquelas árvores que são chamadas de bordo, e eles pegaram mostrar de tudo isso.

Leifr encontrou pessoas num naufrágio e levou-as para casa consigo, e deu-lhes abrigo para o inverno. Ele demonstrou com isso a máxima grandeza e bondade. Ele levou o cristianismo à terra. Desde então passou ser chamando de Leifr, o Afortunado. (*Eiríks saga rauða*, cap. V) (ANÔNIMO, 2007, 99-100)

Aportando na Groenlândia no ano seguinte, *Leif* põe em ação sua tarefa de introduzir o cristianismo aos habitantes da Ilha. Sua mãe, *Thiodhild*, prontamente adotou a religião e logo tratou de mandar construir uma pequena igreja, localizada perto da fazenda onde ela e seu marido Eric viviam, sendo denominada de Igreja de *Thiodhild*, que viria a receber todos aqueles que haviam se convertido a essa nova religião. Já o pai de *Leif*, Eric, não se mostrou nada simpático à conversão, mantendo-se fiel a seus ritos pagãos até a sua morte, que ocorreu 3 anos após o retorno de *Leif* de sua viagem à Noruega, em 1003 (ANÔNIMO, 1906a,26).

Essa adoção inicial do cristianismo, a uma primeira vista, parece ter se caracterizado pelo imediatismo em se fazê-la, apesar da resistência de alguns colonos. Certamente, essa rápida aceitação da nova fé oferece terreno para as dúvidas sobre a veracidade do fato ou, no mínimo, reflexões sobre o mesmo. É importante afirmar, no entanto, como já citado anteriormente, que havia a possibilidade de se conseguir algum tipo de suporte do soberano norueguês, como relações comerciais com o Reino continental ou com a Islândia, em caso de se realizar a conversão que ele havia ordenado. O que pode apoiar a ideia de que a conversão da Groenlândia se deu por interesse, é a forma como a nova religião foi praticada na Ilha: os groenlandeses, pelo menos no primeiro século após a conversão, não poderiam ser considerados exemplos ideais de cristãos, como será possível inferir no parágrafo a seguir.

A partir desta introdução da religião cristã, e a consequente conversão dos primeiros colonos groenlandeses, os habitantes da Ilha passaram a construir pequenas igrejas em terrenos anexos às fazendas nas quais viviam, fazendo destes terrenos também cemitérios particulares onde seriam sepultados aqueles entes que viriam a falecer no local. Ao longo do tempo, algumas dessas pequenas igrejas foram demolidas enquanto outras foram tornando-se cada vez maiores. Não há dúvidas que o controle sobre essas igrejas permaneceu submetido ao âmbito privado-familiar por, pelo menos, mais de um século. Diretamente contrário aos interesses da Igreja Romana, esse sistema de controle privado sobre as igrejas deu a seus donos oportunidades de ganhar vantagens econômicas, onde os pagamentos oferecidos às igrejas, por parte de seus frequentadores, podem ter sido

responsáveis por uma grande parte de toda a acumulação de riquezas que um fazendeiro dono de igreja poderia arrecadar (ARNEBORG, 2012, 593).

Tal sistema manteve-se dessa forma até, pelo menos, 1112, ano no qual o bispo islandês *Eric Gnipson* (ou *Uppsí*) deixou seu país para assumir seu posto na Groenlândia. Entretanto não se tem informações sobre quando *Eric Gnipson* foi consagrado bispo, nem quando foi estabelecido o Bispado da Groenlândia. Mas sabe-se que no ano de 1121 ele estava mais interessado em conhecer as famosas terras de *Vinland* (*Wineland*, terra dos vinhedos) do que administrar seu rebanho. Naquele mesmo ano ele partiria da Groenlândia em direção à costa do que hoje é o Canadá e ninguém mais teria notícias sobre seu destino, pois o Bispo nunca retornaria para seu posto na Ilha ou para qualquer outra terra conhecida e habitada que se tem relato. Os groenlandeses foram obrigados então, em 1124, a pedirem um novo bispo. Ele se chamava *Arnold* e havia sido consagrado ainda naquele ano, porém só aportaria na Groenlândia no ano seguinte, não havendo demais informações sobre seu período na Ilha (ANÔNIMO, 1906c, 69).

É difícil de precisar até que ponto o controle sobre as igrejas da Groenlândia permaneceu no âmbito particular-familiar após o estabelecimento do Bispado na Ilha, visto que os Bispos devem ter trazido consigo uma delegação composta de outros clérigos e/ou sacerdotes para lhes auxiliarem em suas novas tarefas. Dessa forma, tais religiosos teriam assumido as funções de celebrantes dos ritos católicos por toda a Ilha, no lugar dos colonos. Além disso, teria se tornado um costume doar para a Igreja Romana as terras nas quais as igrejas foram inicialmente construídas, fato que geralmente ocorria após a morte de um chefe de família local e o seu eventual sepultamento naquele terreno (ANÔNIMO, 1906a, 29). Entretanto, as fontes escritas não oferecem nenhum subsídio para se pensar que um groenlandês tenha vindo a assumir, posteriormente, o bispado da Ilha, tendo, até onde se tem notícia, todos os Bispos da Groenlândia nascidos na Islândia ou no Reino Norueguês. Assim, o poder institucional da Igreja Romana pode ter sido limitado naquela região durante todo o período de assentamento. Ao mesmo tempo, como somente clérigos estrangeiros assumiam o posto de Bispo da Groenlândia, nenhuma família da Ilha conseguiu obter poder ou posição por dentro da instituição religiosa. O último bispo residente na Ilha veio a falecer em 1378, exatos 30 anos antes da última celebração católica documentada que teve lugar na Groenlândia: um casamento na igreja de *Hvalsey*, celebrado no ano de 1408, cuja carta, escrita por um clérigo groenlandês, atestando tal acontecimento é a última evidência concreta de vida nos assentamentos vikings (ARNEBORG, 2012, 593).

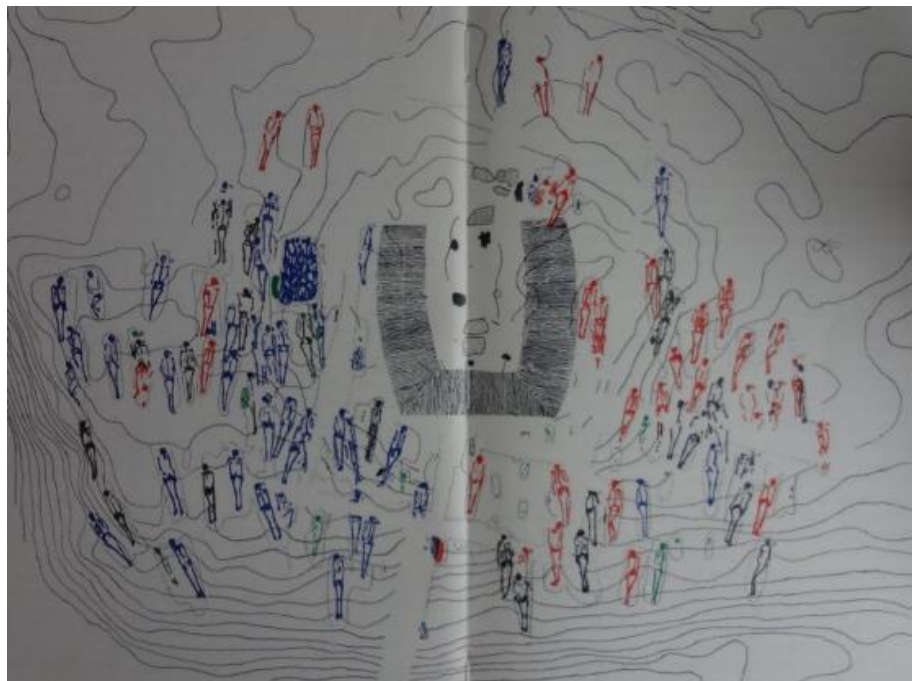
As relações da Groenlândia com a Islândia e a Escandinávia foram progressivamente diminuindo ao longo do século XV, vindo a cessarem em definitivo, acredita-se, ainda no mesmo século. Já no começo do século XVIII, o contato com a Ilha foi reestabelecido, porém as fazendas construídas pelos groenlandeses foram encontradas desertas, isso quando não desmoronadas sobre suas fundações. O cenário do local falava por si só (ARNEBORG, 2012, 588).

Expedições arqueológicas realizadas na Groenlândia desde então lançaram luz sobre um problema percebido nas fontes escritas. Nunca foi encontrada nenhuma tumba

ou sepultura pagã na Ilha até hoje (ARNEBORG, 2012, 593). Constatação essa que se confronta diretamente com a ideia, presente nas sagas islandesas, de que os primeiros colonos mantiveram suas crenças pagãs durante os 15 anos iniciais de ocupação e, depois, por volta do ano 1000, teriam se convertido ao Cristianismo Católico. Tal constatação veio a adquirir a condição de uma poderosa arma a serviço daqueles estudiosos que criticaram a utilização de determinadas sagas islandesas como fontes históricas, utilização essa que já vinha sendo amplamente criticada devido à origem dessas fontes remontarem ao século XIII, ou seja, quase 200 anos após os eventos dos quais tratavam.

Entretanto, as datações de eventos e as citações acerca de suas próprias personagens antes do ano 1000, apesar de possuírem uma série de elementos considerados fantasiosos, possuem um elevado grau de exatidão. Principalmente quando comparados com a história de personagens externos à colonização perpetrada na Ilha, como a própria história do Rei *Olaf I* da Noruega, por exemplo. Além disso, as próprias expedições arqueológicas, em conjunto com essas informações contidas nas sagas, oferecem subsídios para se pensar algumas possíveis explicações para a fato de não se encontrar tumbas ou sepulturas pagãs na Groenlândia.

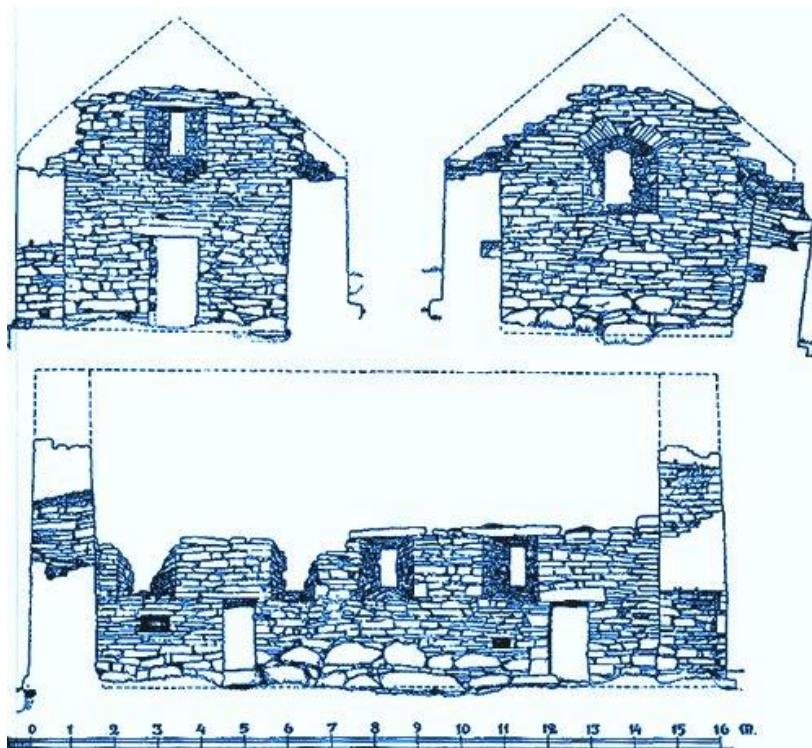
Primeiramente, o arqueólogo dinamarquês *Knud Jesper Krogh*, enquanto realizava escavações ao redor da igreja de *Thiodbild*, entre os anos de 1962 e 1965, fez o seguinte mapeamento das sepulturas encontradas:



**Figura 1:** adaptado de Umbrich (Ibid: 38).

Nele é possível observar claramente que um corpo encontrava-se sepultado com sua extremidade inferior exatamente abaixo da parede da direita da igreja (UMBRICH, 2012, 38).

Aparentemente todas as igrejas da Groenlândia eram construídas com paredes de pedras e não possuíam fundações propriamente ditas, ou seja, as paredes não possuíam alicerces enterrados abaixo da linha da superfície (eventualmente, o peso dessas paredes e a ação do tempo acabavam por enterrar as primeiras pedras colocadas logo acima do solo, criando assim uma pequena fundação ao longo do tempo), e isso mostra-se claro ao observar-se os seguintes esquemas sobre as ruínas da igreja de *Hvalsey*, apresentados em 1941 pelo arqueólogo e arquiteto dinamarquês *Aage Roussel* ao publicar seu trabalho intitulado *Farms and Churches in the Medieval Norse Settlements of Greenland*:



**Figura 2:** disponível:<http://www.uh.edu/engines/epi2091.htm>

Para *Kbrog*, estava claro que tais túmulos estavam intocados até o momento de suas escavações, ou seja, não houve realocação dos corpos para perto da igreja de

*Thiodhild*, eles foram, de fato, originalmente sepultados ali<sup>8</sup> (UMBRICH, 2012,13). Desse modo, a curiosa localização do corpo citado acima, com sua extremidade inferior estando enterrada abaixo da parede da direita da referida igreja, só abre espaço para uma conclusão: que o corpo já estava sepultado ali quando as paredes de pedra da igreja foram erguidas por volta do ano 1000, após a conversão da mãe de *Leif Ericsson*, *Thiodhild*, que foi a responsável pela construção daquela igreja. Ou seja, antigos locais de sepultamentos pagãos podem ter sido convertidos em cemitérios cristãos, visto que as igrejas na Groenlândia foram construídas nos mesmos locais onde se sepultavam os entes de uma família, em terrenos anexos às fazendas.

Outro fator que pode ter contribuído para a ausência de sepulturas pagãs, teria sido o pequeno número de pessoas que morreram nos 15 anos iniciais de ocupação da Ilha. É óbvio que esses primeiros anos de adaptação na Groenlândia não devem ter sido fáceis, principalmente por estar distante de possíveis fontes de suprimentos, e muitos desafios mortais, como o clima ártico, tinham de ser superados por parte dos colonos para que os assentamentos prosperassem.

Alguns anos antes de Eric encontrar a Groenlândia, mais precisamente em 978, um explorador islandês chamado *Snabjörn Galti*, também sabendo dos relatos de *Gunnbiorn Ulfsson* sobre a Groenlândia, já teria tentado estabelecer colônias lá, junto com alguns seguidores, mas, após um longo inverno de frustrações na Ilha, todos acabaram morrendo (SHAFER, 2010, 36). Além de tudo isso, o nome *terra verde* (*Gaenland*) foi escolhido por Eric a fim de soar melhor e criar mais interesse nas famílias da Islândia que estavam considerando a opção de se mudar para lá (ANÔNIMO, 1906a,17). Ou seja, imagina-se que, para Eric, o vermelho, a Ilha por si só não seria muito atraente às famílias.

No verão que se seguiu ele foi para a Islândia e chegou de navio a *Breiðafjörðr*. Chamou aquela terra que havia encontrado de Groenlândia, porque disse que as pessoas desejariam muito ir até lá se a terra fosse bem denominada. (*Gaenlendinga saga*) (ANÔNIMO, 2007, 58)

Nesse sentido, é impensável que, pelo menos nesses 15 anos iniciais de colonização, muitas famílias tenham-se instalado naquelas terras. Em 985, apenas 14 navios, de 35 que saíram da Islândia, conseguiram alcançar a Groenlândia. O número de famílias que foram transportadas nesses navios é incerto, mas as sagas dão conta de que apenas 10 famílias se instalaram no Assentamento Oriental junto com a família de Eric, já as outras, sem número especificado, se dirigiram para o Oeste na Ilha, onde fundaram o Assentamento Ocidental (ANÔNIMO, 1906b, 46-7). Assim, é possível chegar-se à

---

<sup>8</sup>Apesar de, em outros sítios arqueológicos da Groenlândia, terem sido encontrados alguns poucos túmulos com sinais de re-sepultamento (UMBRICH, 2012,13). O que não indicaria necessariamente que essas pessoas foram originalmente enterradas sob um rito pagão, mas caso o tivessem sido, isso pode ser outra explicação para a não-descoberta de túmulos pagãos na Ilha, até hoje.

conclusão de que o número de pessoas falecidas na Ilha, nesse período inicial de colonização, não poderia ser um número expressivo dada a pequena quantidade de pessoas que a habitavam.

Além disso, ainda há o problema da extensão dos assentamentos vikings na Groenlândia, e uma relevante quantidade de pesquisas arqueológicas ainda devem ser realizadas a fim de se tentar encontrar o maior número possível de vestígios desses assentamentos. Assim sendo, o descobrimento de algum túmulo pagão, que, caso realmente existam, são pouquíssimos, pode ser uma mera questão de tempo.

### **Conclusão:**

Talvez a consequência mais imediata da conversão de *Leif Ericsson* e de sua tarefa de voltar a Groenlândia para introduzir o cristianismo naquela Ilha tenha sido propiciar, mesmo que indiretamente, o descobrimento dos primeiros territórios continentais daquilo que, meio século depois, seria chamado de Novo Mundo.

Foi durante sua viagem de retorno da Noruega em direção à Groenlândia, no ano 1000, que pela primeira vez ele teria avistado a costa do Canadá, depois que seu navio acidentalmente saiu do rumo. Esse evento teria acontecido antes mesmo da primeira igreja ser erguida na Groenlândia (ANÔNIMO, 1906a,25).

Mais tarde, já no fim do século XI, esses eventos, que seguiriam sendo difundidos por intermédio da tradição oral, seriam transcritos, pela primeira vez, pelo estudioso Adão de Bremen, enquanto este trabalhava na corte do rei dinamarquês *Svend Estridson* entre o fim da década de 1060 até a primeira metade da década seguinte, a serviço da Arquidiocese de Hamburgo-Bremen (ADÃO DE BREMEN, 1906, 67). Tal arcebispado havia sido estabelecido quase 300 anos antes com a exclusiva incumbência de promover a cristianização da Escandinávia. Os relatos transcritos por Adão, apesar de pouco detalhados, continuaram como fontes singulares sobre os eventos ocorridos em *Vinland* por quase 200 anos. Apenas nos séculos XIII e XIV as sagas foram compiladas na Islândia, apresentando versões levemente diferentes sobre os mesmos fatos, porém mais detalhadas do que nos relatos transcritos por Adão, em meio a certa quantidade de passagens fabulosas. Desse modo, os manuscritos do estudioso germânico permanecem como uma fonte mais “estritamente histórica” sobre a presença nórdica na América continental. Percebe-se aqui então mais uma importante consequência propiciada pela adoção do cristianismo pelos povos nórdicos.

Quanto ao destino da própria religião e de sua Instituição na Groenlândia, muito ainda se permanece incerto. Como já citado anteriormente, o último bispo da Ilha e que residia na mesma faleceu no ano de 1378, o que não impossibilitou que um casamento fosse celebrado lá 30 anos depois. Como, a partir de pesquisas arqueológicas, especula-se que a ocupação ativa da Ilha cessou-se apenas na segunda metade do século XV (BRINK, 2012), é provável que quando Cristóvão Colombo projetava sua missão de encontrar rotas marítimas para a Ásia atravessando o Atlântico, a Igreja Romana na Groenlândia ainda estivesse oferecendo seus serviços ao seu rebanho, ideia que se torna plausível quando se reflete acerca dos tempos difíceis que deviam ser aqueles, após o fim dessas relações com os outros territórios nórdicos.



Apesar da abordagem que muitos estudiosos contemporâneos empregam acerca da Ilha, quase sempre desconsiderando que a mesma é um território componente do continente americano (devido talvez à condição histórica e política da Ilha como uma Nação Constituinte Autônoma do Reino da Dinamarca, situação que perdura até hoje) e, conseqüentemente, considerando apenas os eventos de *Vinland* como a efetiva presença nórdica no Continente (o que seria correto somente se tal afirmação fosse feita relacionando-a, estritamente, ao atual território do Canadá), a atual Groenlândia oferece elementos de cunho geográficos, demográficos e culturais suficientes para pensá-la de outra forma que não a desses estudiosos.

Primeira e geograficamente, trata-se de um território insular que se localiza na costa nordeste da América do Norte. Já no quadro demográfico, a população da Ilha é composta majoritariamente (89%) por descendentes de Inuítes<sup>9</sup>, sendo somente o restante da população (11%) de origem europeia, não necessariamente dinamarquesa, apesar da maior presença desta<sup>10</sup>. Como consequência desse cenário, a população Groenlandesa, por meio de referendo e reconhecendo as diferenças culturais existentes entre a Ilha e o continente europeu, renunciou à sua condição de território membro da Comunidade Europeia (atual União Europeia) em 1985, evento esse que se mantém como único na História da referida Instituição. Sendo assim, não resta razões para que a Ilha não seja considerada parte constituinte da América, assim como não há motivos para que a presença *viking* naquela região não seja refletida como “um capítulo” da História da América. Obviamente que a descoberta e colonização *Viking* não teve o impacto da realizada por Colombo, mas foram eles os descobridores da América, ou melhor foram eles que se deixaram descobrir pelos habitantes das américas.

Hoje, as ruínas da Igreja de *Hvalsey* compõem o sítio arqueológico melhor conservado na Groenlândia, e uma reerguida Igreja de *Thiodhild* rememora aos seus visitantes aquela que foi a primeira igreja cristã construída em território americano.

### **Fontes primárias:**

- ADÃO DE BREMEN. From Adam of Bremen's Descriptio Insularum Aquilonis. In: OLSON, Julius E.; EDWARD, G. Bourne (eds.). *The Northmen, Columbus and Cabot, 985-1503: The Voyages of the Northmen; The Voyages of Columbus and of John Cabot*. New York: Charles Scribner's Sons, 1906, Pages 67-68.
- ANÔNIMO. The Saga of Eric the Red. In: OLSON, Julius E.; EDWARD G. Bourne (eds.). *The Northmen, Columbus and Cabot, 985-1503: The Voyages of the Northmen; The Voyages of Columbus and of John Cabot*. New York: Charles Scribner's Sons, 1906a, Pages 14-44.
- \_\_\_\_\_. The Vinland History of the Flat Island Book. In: OLSON, Julius E.; EDWARD G. Bourne (eds.). *The Northmen, Columbus and Cabot, 985-1503: The Voyages of the Northmen; The Voyages of Columbus and of John Cabot*. New York: Charles Scribner's Sons, 1906b, Pages 45-66.

<sup>9</sup>Membros da nação indígena esquimó que habitam as regiões árticas do Alasca, do Canadá e da Groenlândia.

<sup>10</sup>Ver: Central Intelligence Agency. *Greenland*. Central Intelligence Agency, 2013. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/gl.html> Acesso em 15 de Maio de 2013.



- \_\_\_\_\_. From the Icelandic Annals. In: OLSON, Julius E.; EDWARD G. Bourne (eds.). *The Northmen, Columbus and Cabot, 985-1503: The Voyages of the Northmen; The Voyages of Columbus and of John Cabot*. New York: Charles Scribner's Sons, 1906c, Page 69.
- \_\_\_\_\_. A Saga do Groenlandeses. In: *As três sagas Islandesas*. Tradução de Théo Moonsburger, Editora UFPR, 2007.
- \_\_\_\_\_. A Saga de Eiríkr Vermelho. In: *As três sagas Islandesas*. Tradução de Théo Moonsburger, Editora UFPR, 2007.

### **Referências Bibliográficas:**

- ARNEBORG, Jette. The Norse Settlements in Greenland. In: BRINK, Stefan (org.). *The Viking world*. London: Routledge, 2012.
- BOULHOSA, Patrícia Pires. Sagas Islandesas como fonte da história da Escandinávia medieval. In: *Signum*, V.7, 2005, p. 13-40.
- BOYER, Régis. *Héros et dieux du Nord: guide iconographique*. Paris: Flammarion, 1997.
- BRINK, Stefan (org.). In: *The Viking world*. London: Routledge, 2012
- CAPELATO, Maria Helena Rolin; D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. *Nazismo: Política, Cultura e Holocausto*. São Paulo: Atual (Coleção Discutindo a História), 2004.
- CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger (orgs.). *Historia da la Lectura em el Mundo Occidental*. España, Taurus, 1998.
- FISCHER, Steven Roger. *História da Cultura Escrita*. Belo Horizonte. Autêntica, 2007.
- GALVÃO et alli. *História da Cultura Escrita. Séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.
- GWYN, Jones. *La saga del Atlántico Norte: establecimiento de los vikingos en Islandia, Groenlandia y América*. Barcelona: Oikos-Tau, S.A. Ediciones, 1992
- HAYWOOD, John. *Encyclopaedia of the Viking Age*. London: Thames and Hudson, 2000.
- LANGER, Johnni. História e sociedade nas Sagas Islandesas: perspectivas metodológicas. In: *Aletheia: revista eletrônica de estudos sobre a antiguidade e Medievo*. V.1, N°2, Jan/Jul de 2009.
- LE GOFF, Jacques. *Os Intelectuais na Idade Média*. Rio de Jnacião. José Olympio, 2003.
- MIRANDA, Pablo G. Uma breve introdução as Sagas Reais. In: *Notícias Asgardianas*. N°1, Setembro/Outubro de 2012.
- MOOSBURGER, T.B. Introdução. In: *Saga dos Volsungos (Anônimo século XIII)*. Editora Hedra, São Paulo, 2009.
- \_\_\_\_\_. MOONSBURGER, Theo de Borba. *Brennu-Njáls saga: Projeto Tradutório e Tradução para o Português / Théo de Borba Moosburger; orientador, Walter Carlos Costa - Florianópolis, SC, 2014*.
- SHAFER, John Douglas. *Saga accounts of Norse far-travellers*. Durham: Durham University, 2010.
- SIGURDSSON, Gísli. *The medieval Icelandic saga and oral tradition: a discourse on method*. London: Harvard University Press, 2004.
- UMBRICH, Andrew. *Early Religious Practice in Norse Greenland: From the Period of Settlement to the 12 th Century*. Reykjavík: Universidade da Islândia, 2012.